2022.1 . Ano xxxix . Número 43

CALÍOPE

Presença Clássica

(separata 4)

2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

(separata 4)

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Templo de Selinunte (Sicília, Itália).

EDITORAÇÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 43
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Felipe Marques Maciel | Fernanda Messeder Moura | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.letras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

Tradução dos discursos de Materno no *Diálogo dos oradores*

Victor Bernardo Chabu

RESUMO

Neste artigo, traduzimos para o português as falas e os discursos de Curiácio Materno no *Diálogo dos oradores*, de Tácito, e apresentamos um estabelecimento do texto latino, baseado em edições críticas.

PALAVRAS-CHAVE

Diálogo dos oradores; Tácito; Retórica latina; Curiácio Materno; Tradução.

SUBMISSÃO 16.04.2021 | APROVAÇÃO 27.01.2022 | PUBLICAÇÃO 20.2.2023

DOI https://doi.org/10.17074/cpc.v1i43.43144

1 INTRODUÇÃO

No *Diálogo dos oradores*, publicado provavelmente em 102 d.C., já sob o governo de Trajano, Tácito narra uma conversa que havia muitos anos teria ouvido entre grandes oradores daqueles tempos, por volta de 75 d.C., em pleno reinado de Vespasiano. Curiácio Materno, um orador de renome que se retirara do fórum e das atividades judiciais para dedicar-se à poesia (notadamente a tragédias de forte conteúdo político), tinha recitado em público sua mais nova peça, *Catão* (personagem histórica de marcadas posições anti-imperiais e moralizantes), e com isso ofendera a pessoas poderosas.

Roma vivia, na época da publicação do *Diálogo*, o início de um período de paz que duraria quase um século, mas que, para Tácito e os homens de sua geração, poderia espelhar a aparente abertura política de Vespasiano, em meio a qual é ambientada a ação dramática do *Diálogo dos oradores,* e que durou menos de uma década, conforme o governo de seu sucessor, Domiciano, degenerava em violência, tendo por consequência a perseguição de personalidades que, como Materno, aproveitaram da suposta calma sob Vespasiano para fazer uso da antiga franqueza, *uti antiqua libertate* (*Dial.* 27.3). Acredita-se que o próprio Materno tenha sido condenado à morte e executado em 91 d.C., após 15 anos de tramitação de seu julgamento.

É nesse clima de apreensão, de uma nova paz que, até ali, era no máximo presumível, que o *Diálogo* começa como uma carta de Tácito a Fábio Justo, continuando o que seria uma discussão frequente entre eles: *cur, cum priora saecula tot eminentium oratorum ingeniis gloriaque floruerint, nostra potissimum aetas deserta et laude eloquentiae orbata uix nomen ipsum oratoris retineat*[1] (*Dial.* 1.1). À guisa de resposta, Tácito põe-se a rememorar um debate que ouvira décadas antes, no dia seguinte àquele em que Materno fizera sua recitação e começara a colecionar problemas, razão pela qual seus amigos Júlio Segundo e Marco Apro foram-no visitar, a fim de convencê-lo a amenizar o enredo e torná-la não necessariamente *meliorem* (melhor), mas pelo menos *securiorem* (mais segura) (*Dial.*

3.2). A resposta de Materno, no entanto, é pouco cooperativa:

> *tum ille: "leges tu quid Maternus sibi debuerit, et agnosces quae audisti. quod si qua omisit Cato, sequenti recitatione Thyestes dicet. hanc enim tragoediam disposui iam et intra me ipse formaui. atque ideo maturare libri huius editionem festino, ut dimissa priore cura nouae cogitationi toto pectore incumbam"* (*Dial.* 3.3).
>
> E ele: "Tu vais ler algo que faz jus a este Materno, e vais reconhecer aquilo que ouviste. E se Catão omitiu alguma coisa, na próxima recitação Tiestes é que dirá. Essa tragédia, eu já a estruturei e a tenho formada na minha imaginação, e é por isso que estou me apressando para acabar a edição deste volume, para, uma vez despachada a primeira obra, mergulhar de cabeça na elaboração da nova".

Exasperado, Apro censura-o por estar negligenciando seus supostos deveres forenses em prol de amigos, clientes e de povos aliados, por causa de uma diversão vã, e ainda mais por misturar narrativas históricas e personalidades romanas a tais fantasias e invencionices gregas (*Dial.* 3.4). Materno não se abala:

> *et Maternus: "perturbarer hac tua seueritate, nisi frequens et assidua nobis contentio iam prope in consuetudinem uertisset. nam nec tu agitare et insequi poetas intermittis et ego, cui desidiam aduocationum obicis, cotidianum hoc patrocinium defendendae aduersus te poeticae exerceo. quo laetor magis oblatum nobis iudicem qui me uel in futurum uetet uersus facere uel, quod iam pridem opto, sua quoque auctoritate compellat ut, omissis forensium causarum angustiis, in quibus mihi satis superque sudatum est, sanctiorem illam et augustiorem eloquentiam colam"* (*Dial.* 4.1-2).
>
> Daí Materno: "Eu me incomodaria muito com essa tua rispidez, se a nossa velha contenda de sempre já não tivesse virado quase um hábito. Ora, tu não deixas de atormentar e perseguir os poetas, eu, a quem acusas de desleixo para com a advocacia, advogo cotidianamente para defender, de ti, a poesia. Por isso me alegro que estejamos diante de um juiz que ou me proíba de fazer versos no futuro, ou, e isso desejo já há tempos, que me estimule até mesmo com a sua autoridade a esquecer as restrições relativas aos processos judiciais – aos quais, aliás, esforço mais que suficiente foi por mim envidado – e cultivar aquela mais sublime e elevada

eloquência".

A conversa então fica mais séria, de modo que Segundo decide ficar à margem do debate, e Apro pronuncia seu primeiro discurso no *Diálogo* (*Dial.* 5.3– 10.7), em que defenderá a superioridade, em todos os aspectos, da retórica à poesia, esta aceitável somente, diz ele, quando praticada por aqueles que não possam fazer outra coisa. A resposta virá na forma de outro discurso (*Dial.* 11.1– 13),5 o primeiro de Materno, a vermos na Seção 2 abaixo, em que defenderá tanto a poesia, como suas próprias escolhas de vida.

Findo o discurso, surge em cena Vipstano Messala (*Dial.* 14.1), outro distinto orador, que se interessa pela temática e, juntando-se a Materno e Segundo, critica Apro por seu excessivo envolvimento em questões retóricas (*Dial.* 14.4); há um breve entrevero, e logo ele aceita tomar parte na discussão, desde que os colegas prometam também compartilhar seus pensamentos sobre o assunto:

> *"pro duobus", inquit Maternus, "promitto, nam et ego et Secundus exsequemur eas partes quas intellexerimus te non tam omisisse quam nobis reliquisse. Aprum enim solere dissentire et tu paulo ante dixisti et ipse satis manifestus est iam dudum in contrarium accingi, nec aequo animo perferre hanc nostram pro antiquorum laude concordiam"* (*Dial.* 16.3).
>
> "Prometo por dois", Materno diz, "pois tanto eu como Segundo vamos desenvolver as partes que entendermos não que omitiste, mas de que abriste mão para nós. E, é fato, que Apro costuma discordar, tanto tu acabaste de dizer, quanto ele mesmo deixou bastante claro que faz tempo que está a postos para o contraditório, e que não vai ficar assistindo impassível a esta nossa união pela reverência aos antigos".

Estando em minoria, Apro toma a palavra mais uma vez e pronuncia seu segundo discurso (*Dial.* 16.4– 23.6), a fim de não deixar a retórica ser condenada pelos colegas sem ter tido seu direito à defesa. Ele defenderá o estilo oratório contemporâneo, fará algumas elucubrações tentando relativizar a diferença entre moderno e antigo, e então desferirá uma crítica ferina contra os

antigos oradores, em que nem o próprio Cícero passará incólume. Materno não perde o bom humor:

> *quae cum Aper dixisset, "agnoscitisne" inquit Maternus "uim et ardorem Apri nostri? quo torrente, quo impetu saeculum nostrum defendit! quam copiose ac uarie uexauit antiquos! quanto non solum ingenio ac spiritu, sed etiam eruditione et arte ab ipsis mutuatus est per quae mox ipsos incesseret! tuum tamen, Messalla, promissum immutasse non debet, neque enim defensorem antiquorum exigimus nec quemquam nostrum, quemquam modo laudati sumus, iis quos insectatus est Aper comparamus.*
> *ac ne ipse quidem ita sentit, sed more ueteri et a nostris philosophis saepe celebrato sumpsit sibi contra dicendi partes. igitur exprome nobis non laudationem antiquorum – satis enim illos fama sua laudat –, sed causas cur in tantum ab eloquentia eorum recesserimus, cum praesertim centum et uiginti annos ab interitu Ciceronis in hunc diem effici ratio temporum collegerit"* (*Dial.* 24.1–3).
>
> Feito o discurso de Apro, falou Materno: "percebeis a virulência e o ardor do nosso amigo? Com que voragem, com que ímpeto defendeu a nossa geração! De que forma tão rica e variada demoliu os antigos! Com quanto não apenas engenho e inspiração, mas também com quanta erudição e técnica tomou-lhes emprestado os meios com que depois os tomaria de assalto! No entanto, Messala, o combinado contigo não precisa mudar, afinal não solicitamos um defensor dos antigos, nem comparamos qualquer um de nós, por mais que o tenhamos citado há pouco, àqueles que Apro esteve perseguindo.
> Nem ele mesmo pensa assim, mas adotou o velho hábito tantas vezes praticado pelos nossos filósofos de discursar pela parte contrária. Por isso, expõe-nos não um elogio aos antigos – a fama deles já os elogia o suficiente –, mas as causas de termos nos afastado em tão larga medida da eloquência deles, sobretudo considerando que na contagem do tempo passaram-se apenas cento e vinte anos desde a morte de Cícero até o presente dia."

Messala então põe-se a falar de como teria sido a educação dos jovens romanos em tempos passados, em particular dos jovens oradores romanos (*Dial.* 25.1– 26)§ mas não consegue continuar por muito tempo:

> *"parce" inquit Maternus "et potius exsolue promissum. neque enim hoc colligi desideramus, disertiores esse antiquos, quod apud me quidem in confesso est, sed causas exquirimus quas te solitum tractares paulo ante aisti, plane mitior et eloquentiae temporum nostrorum minus iratus, antequam te Aper offenderet maiores tuos lacessendo"* (*Dial.* 27.1).
>
> "Poupa-nos," diz Materno, "e antes cumpre o que foi combinado. Também não queremos chegar à conclusão de que os antigos eram mais fluentes, o que pelo menos para mim está bem estabelecido, mas estamos examinando causas que ainda agora disseste estares habituado a tratar, quando estavas claramente mais tranquilo e menos irritado com a oratória do nosso tempo, antes de Apro te ofender atacando os teus ancestrais".

Messala diz que não se ofendera, e que era essa mesma a maneira como os debates soíam ocorrer em tempos idos (*Dial.* 27.2); Materno assente: *"perge" inquit Maternus "et cum de antiquis loquaris, utere antiqua libertate, a qua uel magis degenerauimus quam ab eloquentia."* ("Prossegue," diz Materno, "e quando falares dos antigos, usa da antiga liberdade, da qual decaímos talvez mais do que da eloquência.") (*Dial.* 27.3).

Inicia então o segundo discurso de Messala (*Dial.* 28.1), em que começará a explicar os tipos de exercícios com que os jovens praticavam a oratória. Infelizmente, porém, os manuscritos apresentam uma lacuna em *Dial.* 35.5, e não é possível saber como esse discurso se desenvolveria, nem como terminaria. O texto retoma em *Dial.* 36.1 com um discurso geralmente atribuído a Materno, embora não tenha faltado quem disso duvidasse, mesmo à luz de *Dial.* 42.1 ("*finierat Maternus*"), dada a enorme discrepância relativa às ideias expressas por ele mesmo em suas outras elocuções ao longo da obra[2]. Esse discurso virá na Seção 3.

Na coluna esquerda das seções abaixo, há o texto latino, para qual nos baseamos majoritariamente em Heubner (1983), com emendas de Mayer (2001) e Winterbottom e Olgivie (1975) e, em menor grau, de Gudeman (1894); na direita expomos uma tradução própria, cotejada com Bornecque e Goelzer (1906) e Requejo (1981). Por fim, haverá notas de apoio na Seção 4, identificadas por algarismos romanos; aquelas atinentes ao

estabelecimento do texto latino virão como notas de rodapé usuais, enumeradas com algarismos arábicos na própria página em que forem indicadas, seguindo a sequência já iniciada.

2 O PRIMEIRO DISCURSO, D*IAL*. 11.1-13.5

11.1 *quae cum dixisset Aper acrius ut solebat et intento ore, remissus et subridens Maternus "parantem", inquit, "me non minus diu accusare oratores quam Aper laudauerat – fore enim arbitrabar ut, a laudatione eorum digressus, detrectaret poetas atque carminum studium prosterneret – arte quadam mitigauit, concedendo iis qui causas agere non possent ut uersus facerent".*

11.1 Tendo Apro discursado de modo bastante incisivo, como era de hábito, e com o rosto sério, um Materno descontraído e sorridente diz: "Estava me preparando para fazer um ataque aos oradores pelo menos tão longo quanto o elogio de Apro – afinal eu achava que, passando da apologia a esses, ele partiria para rebaixar os poetas e para subjugar o gosto pelos versos –, e ele me aplaca com esse particular artifício de conceder que façam poemas aqueles que não sejam capazes de atuar em processos!".

11.2 *"ego autem, sicut in causis agendis efficere aliquid et eniti fortasse possum, ita recitatione tragoediarum. et ingredi famam auspicatus sum, cum quidem* [*in Neronem*][3] *improbam et studiorum quoque sacra profanantem Vatinii potentiam fregi, et hodie si quid in nobis notitiae ac nominis est, magis arbitror carminum quam orationum gloria partum.*

11.2 "Quanto a mim, assim como posso ter algum sucesso e talvez me destacar na sustentação de uma causa, também posso com a recitação de tragédias. Por sinal, comecei a me tornar famoso precisamente quando rompi com a influência nefasta de Vatínio sobre Nero, profanadora mesmo do que há de sagrado na cultura,[1] e hoje, se temos alguma reputação e notoriedade, acredito que tenha

sido ganha mais pelo sucesso dos poemas que dos discursos.

11.3 *ac iam me deiungere a forensi labore constitui, nec comitatus istos et egressus aut frequentiam salutantium concupisco, non magis quam aera et imagines, quae etiam me nolente in domum meam inruperunt".*

11.3 Já estou decidido a me desvencilhar do trabalho jurídico, e não desejo essa coisa de comitivas à minha porta me esperando sair de manhã para virem me cumprimentar, não mais do que desejo estátuas de bronze e retratos,[ii] os quais, mesmo eu não querendo, invadiram a minha casa".

11.4 *"nam statum cuiusque ac securitatem melius innocentia tuetur quam eloquentia, nec uereor ne mihi umquam uerba in senatu nisi pro alterius discrimine facienda sint".*

11.4 "Ora, a posição e a segurança das pessoas são mais bem resguardadas pela inocência que pela oratória, e não tenho receio de que algum dia deva fazer um discurso no senado que não seja para o julgamento de terceiros".

12.1 *"nemora uero et luci et secretum ipsum, quod Aper increpabat, tantam mihi afferunt uoluptatem, ut inter praecipuos carminum fructus numerem quod non strepidu nec sedente ante ostium litigatore nec inter sordes et lacrimas reorum componuntur, sed secedit animus in loca pura atque innocentia fruiturque sedibus sacris.*

12.1 "Para ser franco, os bosques, as florestas sagradas e o próprio isolamento de que Apro estava resmungando dão-me tanto prazer, que eu enumeraria como uma das principais recompensas da poesia o fato de que ela não é composta no tumulto, com um litigante sentado diante do pórtico, entre os andrajos sujos e as lágrimas dos réus, mas que o espírito se distancia para lugares imaculados, inocentes, e desfruta de moradas santificadas.

12.2 *haec eloquentiae primordia,*

12.2 Eis a origem da oratória, eis

haec penetralia! hoc primum habitu cultuque commoda mortalibus in illa casta et nullis contacta uitiis pectora influxit. sic oracula loquebantur".

"nam lucrosae huius et sanguinantis eloquentiae usus recens et ex malis moribus natus atque, ut tu dicebas, Aper, in locum teli repertus.

o seu âmago! Isso foi o que primeiro trouxe aos mortais, àqueles de coração puro, intocados pelo vício, os benefícios de um verniz e de uma roupagem de civilização. Assim é que os oráculos falavam".

"Já a prática recente dessa oratória lucrativa e sanguinolenta nasceu de defeitos de caráter e, como tu, Apro, dizias, encontrou-se no lugar das armas.

12.3 *ceterum, felix illud et, ut in more nostro loquar, aureum saeculum, et oratorum et criminum inops, poetis et vatibus abundabat qui bene facta canerent, non qui male admissa defenderent.*

12.3 De resto, aquela geração fecunda, o século de ouro, como costumamos dizer, desprovida tanto de oradores como de acusações, abundava em poetas e vates para cantar as boas ações, não para defender as admitidas a contragosto.

12.4 *nec ullis aut gloria maior aut augustior honor, primum apud deos, quorum proferre responsa et interesse epulis ferebantur, deinde apud illos dis genitos sacrosque reges, inter quos neminem causidicum, sed Orphea et Linum ac, si introspicere altius uelis, ipsum Apollinem accepimus".*

12.4 A ninguém maior glória ou honras mais elevadas, primeiro junto aos deuses, de quem, dizem, anunciavam os oráculos e tomavam parte nos banquetes, depois junto àqueles reis consagrados, filhos de deuses, dentre os quais não ouvimos falar de nenhum advogado, mas de Orfeu e Lino e, se quiseres olhar mais a fundo, do próprio Apolo".

12.5 *"uel, si haec fabulosa nimis et composita uidentur, illud certe mihi*

12.5 "Senão, caso essas coisas pareçam por demais fabulosas e

concedes, Aper, non minorem honorem Homero quam Demostheni apud posteros, nec angustioribus terminis famam Euripidis aut Sophoclis quam Lysiae aut Hyperidis includi.

inventadas, certamente vais concordar comigo, Apro, que a posteridade não tem em menor conceito Homero que Demóstenes, e que a reputação de um Eurípides ou de um Sófocles não se confina a limites mais estreitos que a de Lísias ou Hipérides.

12.6 *plures hodie reperies qui Ciceronis gloriam quam qui Vergilii detrectent, nec ullus Asinii aut Messallae liber tam illustris est quam Medea Ouidii aut Varii Thyestes".*

12.6 Hoje em dia encontrarás mais gente que subestime a importância de Cícero que a de Virgílio, e nenhuma publicação de Asínio ou de Messala é tão reconhecida quanto a Medeia de Ovídio, ou, de Vário, Tiestes".

13.1 *"ac ne fortunam quidem uatum et illud felix contubernium comparare timuerim cum inquieta et anxia oratorum uita. licet illos certamina et pericula sua ad consulatus euexerint, malo securum et quietum Vergilii secessum, in quo tamen neque apud diuum Augustum gratia caruit neque apud populum Romanum notitia.*

13.1 "Eu não temeria comparar sequer a fortuna dos poetas e o seu fecundo círculo com a vida irrequieta e aflita dos oradores. Tudo bem que os seus embates e julgamentos os carreguem ao consulado, prefiro o distanciamento seguro e tranquilo de Virgílio, no qual, enfim, nem lhe faltou favor da parte do divino Augusto, nem reconhecimento da parte do povo romano.

13.2 *testes Augusti epistulae, testis ipse populus, qui, auditis in theatro Vergilii uersibus, surrexit uniuersus et forte praesentem spectantemque Vergilium ueneratus est, sic quasi Augustum.*

13.2 São testemunhas as cartas de Augusto, é testemunha o próprio povo, que se levantou em bloco após ouvir no teatro os versos de Virgílio, e reverenciou Virgílio – que por acaso assistia em pessoa – assim como se fosse

Augusto.

13.3 *ne nostris quidem temporibus Secundus Pomponius Afro Domitio uel dignitate uitae uel perpetuitate famae cesserit".*

13.3 Nem mesmo nos nossos tempos Pompônio Segundo teria ficado atrás de Domício Afro, seja em termos do prestígio atingido em vida, seja da extensão da sua fama".

13.4 *"nam Crispus iste et Marcellus, ad quorum exempla me uocas, quid habent in hac sua fortuna concupiscendum? quod timent, an quod timentur? quod, cum cotidie aliquid rogentur, ii quibus non praestant indignantur? quod adligati cum adulatione nec imperantibus umquam satis serui uidentur, nec nobis satis liberi? quae haec summa eorum potentia est? tantum posse liberti solent".*

13.4 "Pois bem, esse tal de Crispo e esse Marcelo a cujos exemplos me exortas, que possuem nessa dita fortuna deles que se há de desejar? Que eles têm medo, ou que têm medo deles? Que, conforme todo dia recebam pedidos, sofrem o ressentimento daqueles a quem não correspondam? Que, enredados pela adulação, não parecem nunca servis o suficiente para os que estão no poder, nem livres o suficiente para nós? Que enorme influência é essa a deles? Poder isso tudo, escravos libertos em geral podem".

13.5 *"me uero dulces, ut Vergilius ait, Musae, remotum a sollicitudinibus et curis et necessitate cotidie aliquid contra animum faciendi, in illa sacra illosque fontis ferant. nec insanum ultra et lubricum forum famamque [fallacem][4] trepidus experiar,*

13.5 "Levem-me, porém, as doces musas,[III] como diz Virgílio, às suas grutas e aos seus santuários, afastado das atribulações e das preocupações e da necessidade de todo dia fazer algo a contragosto. E mais: que eu não me arrisque a provar do fórum doentio e traiçoeiro e da fama enganadora,

13.6 *non me fremitus salutantium*

13.6 que nem o alarido matinal

nec anhelans libertus excitet, nec incertus futuri testamentum pro pignore scribam, nec plus habeam quam quod possim cui uelim relinquere quandoque †[5] *meus dies ueniet, statuarque tumulo non maestus et atrox, sed hilaris et coronatus, et pro memoria mei nec consulat quisquam nec roget".*

dos clientes nem um secretário ofegante me venham acordar, que por incerteza do futuro eu não escreva como garantia um testamento,[IV] que eu não possua mais que aquilo que possa deixar a quem quiser a qualquer momento em que chegue a minha hora, que no meu túmulo seja posta uma estátua de mim não pesaroso e severo, mas alegre e enfeitado, e pela minha memória que ninguém proponha nem vote homenagens públicas" .

3 O SEGUNDO DISCURSO, D*IAL*. 36.1-41.5

36.1 *"[...] rem cogitare, nihil abiectum, nihil humile eloqui poterat. magna eloquentia, sicut flamma, materia alitur et motibus excitatur et urendo clarescit; eadem ratio in nostra quoque ciuitate antiquorum eloquentiam prouexit.*

36.1 "[...] refletir sobre o assunto, não podia proferir nada simples, nada modesto. Uma grande oratória, assim como uma chama, nutre-se de matéria, se aviva com a agitação e reluz queimando; o mesmo pensamento impeliu a eloquência dos antigos também na nossa sociedade.

36.2 *nam etsi horum quoque temporum oratores ea consecuti sunt quae composita et quieta et beata re publica tribui fas erat, tamen illa perturbatione ac licentia plura sibi assequi uidebantur, cum mixtis omnibus et moderatore uno carentibus tantum quisque orator saperet quantum erranti populo persuaderi*

36.2 Pois mesmo que os oradores dessa época também tenham chegado àquilo que era direito ser prezado em uma sociedade organizada, serena e afortunada, ainda assim achavam que alcançariam mais para si próprios com a conflagração e a anarquia que

poterat.

houve, quando, todos engalfinhados e carecendo de um poder moderador, cada orador valeria tanto quanto pudesse persuadir o povo sem rumo.

36.3 *hinc leges assiduae et populare nomen, hinc contiones magistratuum paene pernoctantium in rostris, hinc accusationes potentium reorum et assignatae etiam domibus inimicitiae, hinc procerum factiones et assidua senatus adversus plebem certamina".*

36.3 Daí a legiferação constante e o prestígio dos populistas, daí as assembleias com magistrados praticamente pernoitando na tribuna, daí os processos contra réus poderosos e as inimizades instaladas até mesmo dentro dos lares, daí as facções da elite e as constantes disputas do senado contra a plebe".

36.4 *"quae singula etsi distrahebant rem publicam, exercebant tamen illorum temporum eloquentiam et magnis cumulare praemiis uidebantur, quia quanto quisque plus dicendo poterat, tanto facilius honores assequebatur, tanto magis in ipsis honoribus collegas suos anteibat, tanto plus apud principes gratiae, plus auctoritatis apud patres, plus notitiae ac nominis apud plebem parabat.*

36.4 "Cada um desses fatores, mesmo que polarizassem a sociedade, ainda assim desenvolviam a oratória daquela época e pareciam cumulá-la com grandes recompensas, porque quanto mais sucesso cada um tivesse por meio do discurso, tanto mais facilmente alcançava cargos públicos, tanto mais nesses mesmos cargos superava os seus colegas, tanto mais granjeava influência perante pessoas proeminentes, mais autoridade perante os senadores, mais prestígio e popularidade perante a plebe.

36.5 *hi clientelis etiam exterarum nationum redundabant, hos ituri in prouincias magistratus reuerebantur, hos reuersi colebant, hos et praeturae*

36.5 Eles se atarefavam até mesmo com a proteção de povos estrangeiros, admiravam-nos os magistrados de partida

et consulatus uocare ultro uidebantur. hi ne priuati quidem sine potestate erant, cum et populum et senatum consilio et auctoritate regerent".

para as províncias, cortejavam-nos os regressados, pareciam convocá-los, por sua vez, tanto as preturas quanto o consulado. Eles não ficavam fora do poder nem mesmo fora de cargos públicos, à medida que com o seu discernimento e a sua autoridade guiavam o povo bem como o senado".

36.6 *"quin immo sibi ipsi persuaserant neminem sine eloquentia aut assequi posse in ciuitate aut tueri conspicuum et eminentem locum.*

36.6 "Além de tudo, eles mesmos tinham a convicção de que, sem a oratória, ninguém podia nem alcançar nem manter uma posição de visibilidade e de destaque na sociedade.

36.7 *nec mirum, cum etiam inuiti ad populum producerentur, cum parum esset in senatu breuiter censere nisi quis ingenio et eloquentia sententiam suam tueretur, cum in aliquam inuidiam aut crimen uocati sua uoce respondendum haberent, cum testimonia quoque in iudiciis publicis non absentes nec per tabellam dare, sed coram et praesentes dicere cogerentur".*

36.7 Nem admira, em um tempo em que mesmo contra a vontade eles poderiam ser convocados à assembleia popular, em que não bastaria falar brevemente no senado a não ser quem defendesse sua opinião com inteligência e eloquência, em que havia a obrigação de responder com as próprias palavras se intimados em algum processo ou intriga, em que mesmo em julgamentos públicos seriam compelidos a prestar testemunho, não ausentes nem por escrito, mas presencialmente, discursando em pessoa".

36.8 *"ita ad summa eloquentiae praemia magna etiam necessitas*

36.8 "Assim, às maiores recompensas da eloquência

accedebat, et quo modo disertum haberi pulchrum et gloriosum, sic contra mutum et elinguem uideri deforme habebatur".

acrescia-se também uma grande necessidade, e da mesma forma como ser considerado fluente era tido por algo belo e glorioso, parecer mudo e inarticulado, ao contrário, era degradante".

37.1 *"ergo non minus rubore quam praemiis stimulabantur, ne clientulorum loco potius quam patronorum numerarentur, ne traditae a maioribus necessitudines ad alios transirent, ne tamquam inertes et non suffecturi honoribus aut non impetrarent aut impetratos male tuerentur".*

37.1 "Portanto, a vergonha os incitava não menos que as recompensas, para que não caíssem no lugar de meros protegidos ao invés do de defensores, para que os laços de amizade herdados dos pais não passassem a outros, para que não deixassem de pleitear cargos públicos ou não exercessem mal os pleiteados, como se ineptos e incompetentes para tal".

37.2 *"nescio an uenerint in manus uestras haec uetera quae et in antiquariorum bibliothecis adhuc manent et cum maxime a Muciano contrahuntur ac iam undecim, ut opinor, Actorum libris et tribus Epistularum composita et edita sunt.*

37.2 "Não sei se chegaram às vossas mãos estas antiguidades que até o presente permanecem nas bibliotecas dos antiquários e que neste exato momento estão sendo reunidas por Muciano e já consistem, creio, de onze volumes publicados de atas e três de correspondências.

37.3 *ex his intellegi potest Cn. Pompeium et M. Crassum non uiribus modo et armis, sed ingenio quoque et oratione ualuisse, Lentulos et Metellos et Lucullos et Curiones et ceteram procerum manum multum in his studiis operae curaeque posuisse, nec quemquam illis temporibus magnam*

37.3 Delas se pode depreender que Cneu Pompeu e Marco Crasso não eram valorosos apenas pela força e pelas armas, mas também pelo talento e pelo discurso, e que um Lêntulo, um Metelo, um Luculo, um Curião e a restante companhia de

potentiam sine aliqua eloquentia consecutum".

grandes homens puseram nesses esforços muita dedicação e cuidado, e que nenhuma pessoa naqueles tempos alcançaria uma grande influência sem alguma oratória".

37.4 *"his accedebat splendor reorum et magnitudo causarum quae et ipsa plurimum eloquentiae praestant. nam multum interest utrumne de furto aut formula et interdicto dicendum habeas, an de ambitu comitiorum, de expilatis sociis et ciuibus trucidatis.*

37.4 "A isso somava-se a notoriedade dos réus e a importância das causas, o que por si mesmo colabora enormemente para a eloquência. Ora, há uma grande distância entre ter de discursar sobre um furto ou petições e despachos, ou sobre fraude eleitoral, saques de aliados e massacres de cidadãos.

37.5 *quae mala sicut non accidere melius est isque optimus ciuitatis status habendus est in quo nihil tale patimur, ita cum acciderent, ingentem eloquentiae materiam subministrabant. crescit enim cum amplitudine rerum uis ingenii, nec quisquam claram et illustrem orationem efficere potest nisi qui causam parem inuenit".*

37.5 Esses males, assim como é melhor que não aconteçam, e que o regime político ideal a ser mantido seja aquele em que não passamos por nada disso, da mesma maneira, conforme iam acontecendo, forneciam uma enorme matéria para a eloquência. Afinal, é com a envergadura do assunto que cresce a força do talento, e ninguém pode produzir um discurso iluminado, brilhante, se não encontrar uma causa parelha".

37.6 *"non, opinor, Demosthenem orationes illustrant quas aduersus tutores suos composuit, nec Ciceronem magnum oratorem P. Quinctius*

37.6 "Penso que não são os discursos que Demóstenes compôs contra os seus tutores que o tornaram reconhecido, e

defensus aut Licinius Archias faciunt; Catilina et Milo et Verres et Antonius hanc illi famam circumdederunt. non quia tanti fuerit rei publicae malos ferre ciues ut uberem ad dicendum materiam oratores haberent, sed, ut subinde admoneo, quaestionis meminerimus sciamusque nos de ea re loqui quae facilius turbidis et inquietis temporibus existit".

nem são Públio Quíntio, ao ser defendido, ou Licínio Árquias que fazem de Cícero um grande orador; é Catilina, Milão, Verres e Antônio que o cobriram com tal fama. Não que tenha valido a pena para a República suportar maus cidadãos a fim de que os oradores tivessem uma matéria profícua para discursar, mas, como sempre advirto, lembremo-nos do problema e saibamos que estamos falando de algo que surge mais facilmente em tempos turbulentos e irrequietos".

37.7 *"quis ignorat utilius ac melius esse frui pace quam bello uexari? plures tamen bonos proeliatores bella quam pax ferunt; similis eloquentiae condicio.*

37.7 "Quem não sabe que é melhor e mais proveitoso desfrutar da paz do que ser atormentado pela guerra? No entanto, as guerras produzem bons combatentes em maior número que a paz; semelhante é o caráter da oratória.

37.8 *nam quo saepius steterit tamquam in acie quoque plures et intulerit ictus et exceperit quoque maiores aduersarios acrioresque pugnas sibi ipsa desumpserit, tanto altior et excelsior et illis nobilitata discriminibus in ore hominum agit, quorum ea natura est, ut* [*securi ipsi spectare aliena pericula uelint*]*".*[6]

37.8 Pois quanto mais frequente ela tiver estado como se em uma batalha, quanto mais numerosos golpes tiver tanto infligido quanto sofrido, e quanto maiores os adversários e mais árduas as lutas que ela se tiver arranjado, tanto mais elevada, mais sublime e enobrecida por esses próprios desafios ela aparecia aos olhos das pessoas, cuja natureza é essa, de estando elas próprias

em segurança, querer assistir aos outros em perigo".

38.1 *"transeo ad formam et consuetudinem ueterum iudiciorum, quae etsi nunc aptior est ueritati, eloquentiam tamen illud forum magis exercebat, in quo nemo intra paucissimas horas perorare cogebatur, et liberae comperendinationes erant, et modum dicendo sibi quisque sumebat, et numerus neque dierum neque patronorum finiebatur".*

38.1 "Passo para a forma, a prática dos antigos tribunais, a qual, se agora é mais propícia para a verdade, no fim, para a eloquência, desenvolvia-a mais um fórum em que ninguém era obrigado a concluir dentro de pouquíssimo tempo, os adiamentos[v] eram livres, cada um se arrogava a medida do próprio discurso, e não se restringia nem a quantidade de dias e nem a de advogados".

38.2 *"primus haec tertio consulatu Cn. Pompeius astrinxit imposuitque ueluti frenos eloquentiae, ita tamen ut omnia in foro, omnia legibus, omnia apud praetores gererentur. apud quos quanto maiora negotia olim exerceri solita sint quod maius argumentum est quam quod causae centumuirales, quae nunc primum obtinent locum, adeo splendore aliorum iudiciorum obruebantur, ut neque Ciceronis neque Caesaris neque Bruti neque Caelii neque Calui, non denique ullius magni oratoris liber apud centumuiros dictus legatur, exceptis orationibus Asinii quae pro heredibus Vrbiniae inscribuntur, ab ipso tamen Pollione mediis diui Augusti temporibus habitae, postquam longa temporum quies et continuum populi otium et assidua senatus tranquilitas et maxima principis disciplina ipsam*

38.2 "O primeiro a restringir essas coisas e, por assim dizer, pôr rédeas na oratória, foi Cneu Pompeu, em seu terceiro consulado, mas ainda de forma a que se resolvesse tudo no fórum, tudo pelos regulamentos, tudo perante os pretores. Antigamente, quão maiores processos não costumavam tramitar perante eles, antes por ser mais relevante o assunto do que por estarem as causas centunvirais, que hoje estão em destaque, a tal ponto soterradas pelo brilho dos outros juizados, que não se lê um texto proferido para os centúnviros que não seja de Cícero, nem de César, nem de Bruto, nem de Célio, nem de Calvo, nem, por fim, de

quoque eloquentiam sicut omnia depacauerat?"

nenhum outro grande orador, com exceção dos discursos de Asínio intitulados Em defesa dos herdeiros de Urbínia, embora proferidos por esse mesmo Polião em meados da época do divino Augusto,[VI] depois que um longo tempo de calmaria, um contínuo sossego popular, uma constante tranquilidade do senado e uma conduta extremamente rigorosa do imperador sobrepacificou[VII] até mesmo a própria eloquência, assim como tudo"?.

39.1 *"paruum et ridiculum fortasse uidebitur quod dicturus sum; dicam tamen, uel ideo ut rideatur. quantum humilitatis putamus eloquentiae attulisse paenulas istas quibus astricti et uelut inclusi cum iudicibus fabulamur? quantum uirium detraxisse orationi auditoria et tabularia credimus in quibus iam fere plurimae causae explicantur?*

39.1 "Talvez pareça tolo e ridículo o que estou para dizer, mas direi assim mesmo, nem que para ser ridicularizado. Quanto apoucamento achais que causaram à oratória essas capas grossas[VIII] com que, presos e como que emparedados, jogamos conversa fora com os juízes? Quanto vigor pensais que subtraíram ao discurso os auditórios e os arquivos em que já mais ou menos todos os processos se desenrolam?

39.2 *nam quo modo nobiles equos cursus et spatia probant, sic est aliquis oratorum campus, per quem nisi liberi et soluti ferantur, delibitatur ac frangitur eloquentia".*

39.2 Pois da mesma forma como cavalos de boa raça gostam de corridas e de espaços abertos, também há um certo campo para os oradores por qual, se não vararem livres e sem amarras, a oratória se debilita e definha".

39.3 *"ipsam quin immo curam et diligentis stili anxietatem contrariam experimur, quia saepe interrogat iudex quando*[7] *incipias – et ex interrogatione eius incipiendum est – frequenter probationibus et testibus silentium †*[8] *indicit. unus inter haec dicenti aut alter assistit, et res uelut in solitudine agitur".*

39.3 "Sem contar que acabamos constatando que o próprio cuidado e a preocupação de um escrever diligente são contraproducentes, porque o juiz fica sempre pondo questões no momento em que se vai começar – e se deve começar a partir dos questionamentos dele – frequentemente impondo silêncio às provas e testemunhas. Em meio a isso, uma ou outra pessoa assiste a quem estiver discursando, e a coisa se passa como que na solidão".

39.4 *"oratori autem clamore plausuque opus est, et uelut quodam theatro. qualia cotidie antiquis oratoribus contingebant, cum tot pariter ac tam nobiles forum coartarent, cum clientelae quoque ac tribus et municipiorum etiam legationes ac pars Italiae periclitantibus assisteret, cum in plerisque iudiciis crederet populus Romanus sua interesse quid iudicaretur.*

39.4 "O orador, no entanto, precisa de aclamação e de aplauso, e até diria de um certo teatro. Fatores do tipo sucediam cotidianamente aos oradores antigos, conforme tanta gente junta e tão importante lotasse o fórum, conforme mesmo protegidos e tribos, também delegações dos municípios e boa parte da Itália assistissem aos acusados, conforme, na maioria dos julgamentos, o povo romano considerasse que era do seu interesse o que seria decidido.

39.5 *satis constat C. Cornelium et M. Scaurum et T. Milonem et L. Bestiam et P. Vatinium concursu totius ciuitatis et accusatos et defensos, ut*

39.5 É bem sabido que Caio Cornélio, Marco Escauro, Tito Milão, Lúcio Béstia, Públio Vatínio foram tanto

frigidissimos quoque oratores ipsa certantis populi studia excitare et incendere potuerint".

"itaque hercule eius modi libri extant ut ipsi quoque qui egerunt non aliis magis orationibus censeantur".

processados como defendidos diante da afluência de toda Roma, assim que mesmo os oradores de maior tibieza teriam podido despertar e incendiar um real entusiasmo das pessoas ali observando".

"É por isso, sem dúvida, que se encontram escritos de tal nível que não é por outros discursos que aqueles que os proferiram sejam mais apreciados".

40.1 *"iam uero contiones assiduae et datum ius potentissimum quemque uexandi atque ipsa inimicitiarum gloria, cum se plurimi disertorum ne a P. quidem Scipione aut Sulla aut Cn. Pompeio abstinerent et ad incessendos principes uiros, ut est natura inuidiae, † populi quoque ut histriones auribus uterentur †, quantum ardorem ingeniis, quas oratoribus faces admouebant!".*

40.1 "Na realidade, em um tempo em que a maioria dos bem falantes não se conteria frente nem mesmo a Públio Cipião, ou Sula, ou Cneu Pompeu, e para atacar os homens mais poderosos, como é da natureza da inveja, † dos ouvidos até mesmo do povo eles, como atores, se utilizariam[IX] †, as constantes assembleias, o direito conferido de vilipendiar todo e cada um que fosse poderoso e a própria glória das inimizades, quanto ardor forneciam aos talentos, quais fachos aos oradores!".

40.2 *"non de otiosa et quieta re loquimur et quae probitate et modestia gaudeat; sed est magna illa et notabilis eloquentia alumna licentiae, quam stulti libertatem uocant, comes seditionum, effrenati populi incitamentum, sine obsequio, sine*

40.2 "Não estamos falando de algo tranquilo, à toa, que se alegra com a correção e a boa medida; porém, tal grandiosa e notável oratória é aluna da licenciosidade, a que os tontos chamam de liberdade,

seueritate, contumax, temeraria, arrogans, quae in bene constitutis ciuitatibus non oritur.

companheira das sedições, incitamento de uma população desenfreada, sem comprometimento, sem rigor, insolente, inconsequente, arrogante, que não brota em sociedades bem constituídas.

40.3 *quem enim oratorem Lacedaemonium, quem Cretensem accepimus? quarum ciuitatum seuerissima disciplina et seuerissimae leges traduntur! ne Macedonum quidem ac Persarum aut ullius gentis quae certo imperio contenta fuerit eloquentiam nouimus. Rhodii quidam, plurimi Athenienses oratores extiterunt, apud quos omnia populus, omnia imperiti, omnia, ut sic dixerim, omnes poterant".*

40.3 Ora, de qual orador espartano, de qual cretense ouvimos falar? Fala-se desses países do severíssimo regime e das severíssimas leis! Não ficamos sabendo de oratória nem mesmo dos macedônios e dos persas, ou de outros povos que se tenham havido[x] com um governo fixo. Houve alguns oradores ródios, a maioria atenienses, entre os quais a população podia tudo, os leigos podiam tudo, diria até que todo mundo podia tudo".

40.4 *"nostra quoque ciuitas, donec errauit, donec se partibus et dissensionibus et discordiis confecit, donec nulla fuit in foro pax, nulla in senatu concordia, nulla in iudiciis moderatio, nulla superiorum reuerentia, nullus magistratuum modus, tulit sine dubio ualentiorem eloquentiam, sicut indomitus ager habet quasdam herbas laetiores. sed nec tanti rei publicae Gracchorum eloquentia fuit, ut pateretur et leges, nec bene famam eloquentiae Cicero tali exitu pensauit".*

40.4 "Também a nossa sociedade, enquanto não tinha rumo, enquanto se compunha de partidos, dissensões e discórdias, enquanto não havia nenhuma paz no fórum, nenhuma concordância no senado, nenhuma moderação nos tribunais, nenhum respeito pelos superiores, nenhum controle sobre os magistrados, suportou sem dúvida uma oratória mais vigorosa, assim como o campo selvagem possui certas plantas mais vicejantes.

Porém, nem a eloquência dos Gracos foi de tanta valia para a República que lhe justificasse ter tolerado até mesmo as leis agrárias, nem Cícero compensou direito a fama da sua eloquência com o fim que teve".

41.1 *"sic quoque quod superest antiquis oratoribus forum non emendatae nec usque ad uotum compositae ciuitatis argumentum est.*

41.1 "Do mesmo modo, o fórum sobreviver aos antigos oradores não é sinal de uma sociedade perfeita e, até onde se queira, organizada.

41.2 *quis enim nos aduocat nisi aut nocens aut miser? quod municipium in clientelam nostram uenit, nisi quod aut uicinus populus aut domestica discordia agitat? quam prouinciam tuemur nisi spoliatam uexatamque?*

41.2 Afinal, quem nos procura senão os culpados ou os desgraçados? Que município passa para a nossa proteção senão um atormentado por um povo vizinho ou pela discórdia interna? De que província cuidamos senão das espoliadas e devastadas?

41.3 *atqui melius fuisset non queri quam uindicari".*

"quod si inueniretur aliqua ciuitas in qua nemo peccaret, superuacuus esset inter innocentes orator sicut inter sanos medicus. quo modo tamen minimus usus minimumque profectus ars medentis habet in iis gentibus quae firmissima ualitudine ac saluberrimis corporibus utuntur, sic minor oratorum honor obscuriorque gloria est inter bonos mores et in obsequium regentis paratos".

41.3 Vede que não ir à justiça seria melhor do que ser resgatado".

"Caso se encontrasse alguma sociedade na qual ninguém delinquisse, um orador seria desnecessário entre pessoas inocentes do mesmo jeito que, entre pessoas saudáveis, um médico. Então, da forma como é de uma utilidade mínima e de um proveito mínimo a medicina para os povos que gozam de uma saúde muito firme e de um

corpo muito saudável, assim é menor a importância dos oradores e menos clara a sua proeminência em meio a costumes bons e comprometimento com o governante".

41.4 *"quid enim opus est longis in senatu sententiis cum optimi cito consentiant? quid multis apud populum contionibus cum de re publica non imperiti et multi deliberent, sed sapientissimus et unus? quid uoluntariis accusationibus cum tam raro et tam parce peccetur? quid inuidiosis et excedentibus modum defensionibus cum clementia cognoscentis obuiam periclitantibus eat?".*

41.4 "Afinal, para que servem os longos pareceres no senado quando os senadores prestamente entram em acordo? Para que as muitas assembleias populares quando delibera sobre os assuntos públicos não a multidão de ignorantes, mas um único e maior sábio? Para que as acusações de iniciativa própria[xi] quando são tão raras e insignificantes as faltas? Para que as defesas sobremaneira maliciosas quando a clemência do inquiridor vai em socorro aos acusados?".

41.5 *"credite, optimi et in quantum opus est disertissimi uiri, si aut uos prioribus saeculis aut illi quos miramur his nati essent, ac deus aliquis uitas ac uestra tempora repente mutasset, nec uobis summa illa laus et gloria in eloquentia neque illis modus et temperamentum defuisset. nunc, quoniam nemo eodem tempore assequi potest magnam famam et magnam quietem, bono saeculi sui quisque citra obtrectatione alterius utatur".*

41.5 "Acreditai, homens excelentes e, à medida do necessário, perfeitamente fluentes, se vós tivésseis nascido nos séculos passados, ou se aqueles que admiramos tivessem nascido neste, e se algum deus de repente trocasse as vossas vidas e épocas, nem vos teria faltado toda aquela reverência e glória na eloquência, nem a eles moderação e equilíbrio. Agora, dado que ninguém pode buscar ao mesmo tempo uma grande

> fama e um grande sossego, que cada um usufrua do seu século correto sem detratar o do outro".

4 NOTAS EXPLICATIVAS

I Para '*studium*' como '*cultura*', ver OLD s.v. *studium*, 7.

II Não são retratos como os modernos, com figuras pintadas, mas máscaras em cera.

III Latim: "*me uero dulces* [...] *Musae*", referência a Virgílio *G.* 2.475, "*me uero primum dulces ante omnia Musae*".

IV Mayer (2001, p. 131) comenta que *testamentum pro pignore* aludiria à prática de incluir o imperador como beneficiário a fim de garantir a execução do testamento, mas não encontrei outras informações sobre isso. Ver o verbete *pinus* em Perk (1897) ou Smith et al. (1890).

V Em latim, *comperendinatio*, um adiamento judicial de dois dias.

VI Mayer (2001, p. 107) informa que, na passagem da República para o Principado, as *quaestiones* (processos criminais geralmente importantes, como corrupção eleitoral, assassinato, alta traição, etc.) passaram para a alçada do Senado ou do próprio imperador, ficando as *causae centumuirales* responsáveis por processos civis ordinários, geralmente problemas de herança. Assim, ao mesmo tempo elas ganham em relevância prática, abarrotando-se de processos, mas os discursos nelas proferidos perdem em interesse, por lidar com questões menores, mesmo comezinhas, se comparadas aos grandes casos em que atuaram os oradores citados no passo.

VII Se os manuscritos transmitiram corretamente *depacauerat*, então é o único registro existente da palavra. Trata-se de 'pacificara (*pacauerat*) completamente, exaustivamente'; considerando o pessimismo de Materno com a situação política em *Dial.* 27.3, cunhamos a solução 'sobrepacificou', para dar conta da presumível

invenção de Tácito, bem como do efeito irônico de uma "paz excessiva".

VIII Em latim, *paenula*, uma capa grossa para uso em viagens e sob más condições climáticas. Não se sabe do que Materno está falando ao certo; se a toga era obrigatória durante julgamentos no fórum, Mayer (2001) sugere que, na basílica, talvez um relaxamento de costumes tenha tornado hábito o uso dessas capas, que de alguma forma restringiriam os movimentos do orador, parte importante do proferimento de um discurso segundo a retórica antiga. Assim, o uso da *paenula* no lugar da toga teria, por si só, prejudicado a oratória. Essa explicação parece plausível diante do anúncio de Materno de que diria algo com aparência tola e ridícula (talvez pelo exagero, por um detalhe difícil de acreditar que tenha tido algum efeito tão grave?).

IX A frase está corrompida nos manuscritos disponíveis, não se podendo saber exatamente nem mesmo onde ela começaria, e a solução aqui aceita, de Heubner (1983) e Gudeman (1894), não encontra pouca crítica entre comentadores. Os manuscritos trazem "*populi quoque et histriones auribus uterentur*", que se traduz por "dos ouvidos até mesmo do povo também atores se utilizariam"'. O problema é que é impensável, em Roma, que atores se exprimissem publicamente contra membros da elite – mesmo que contratados para isso – uma vez que o teatro, por si só, já era mal tolerado; outras lições trazem o mesmo problema. No texto que aceitamos, trocando *et* por *ut*, o nó reside parte em "*populi quoque*", "mesmo do povo", como se a participação popular fosse um recurso último, enquanto que mobilizar a multidão no fórum era aceitadamente um dos principais expedientes de pressão sobre os jurados. Isso dito, não é inverossímil considerar que Materno, ainda que consciente da extensão dessa prática, considerasse-a aberrante, pois nem tudo que é comum precisa ser aceito como normal, dentro de alguma normatividade moral. Na verdade, parece-me até mesmo esperado que uma personalidade um tanto quixotesca como Materno revolte-se contra fatos e usos do cotidiano, sobretudo quando a sua moralidade, expressa em *Dial.* 40.2, condena o que chama de licenciosidade, insolência,

inconsequência e arrogância da oratória, chamada de *incitamentum populi*. Quanto à prosa um tanto rebuscada, com o longo quiasma "*populi* [...] [...] *auribus*", não é o primeiro aceno à poesia no *Diálogo*, em especial nas falas de Materno.

X TLL (IV 679.42) registra *contentus*, que consta no texto latino, no sentido de "contente", e esse é o único valor adjetival do vocábulo, originariamente particípio passado de *contineo*, "conter" (TLL, IV 712.45). Aqui, pode-se tratar de adjetivo ou particípio, ainda que nesse caso estejamos falando de uma voz passiva cuja construção mais comum seria "*contenta sit*", "se tenham contido" (Ernout e Thomas, 1951, §249); no entanto, a escolha dessa palavra, que mesmo na sintaxe é ambígua, pode ter sido proposital a fim de sinalizar um sentido duplo, de que os povos que se contentaram com um governo fixo também acabaram por se deixar restringir por ele. Daí a tradução por "haver-se" no sentido de "avir-se", que tem um sentido que deveria ser positivo, de "pôr-se em harmonia" (DELP, s.v. avir), mas que se negativa por carregar subentendida uma situação de tensão ou conflito: "Os maus políticos se haverão com seus eleitores" (DELP, s.v. haver 7).

XI Em Roma, ao contrário do que ocorre hoje, a iniciativa de processar um réu geralmente era do próprio interessado, não do Estado; no entanto, era comum, como forma de legitimação, que um orador se fizesse encarregar pelo Senado da acusação que pretendia encetar.

5 AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer ao prof. dr. Adriano Scatolin pela cuidadosa leitura preliminar deste artigo e pelas horas que dedicou a discutir com o autor emendas a diversos pontos problemáticos do texto latino e da tradução.

ABSTRACT
In this paper we translate into Portuguese the lines and the speeches of Curiatius Maternus in the *Dialogus de oratoribus*, by Tacitus, and present an establishment of the Latin text based on critical editions.

KEYWORDS
Dialogus de oratoribus; Tacitus; Roman rhetoric; Curiatius Maternus; Translation.

REFERÊNCIAS

BORNECQUE, H. (ed.); GOELZER, H. (ed.). **Tacite**: Dialogue des orateurs. Les Belles Lettres, 1906. (Collection Budé).

Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Companhia Editora Nacional, 2008

ERNOUT, A.; THOMAS, F. **Syntaxe latine**. Librairie C. Klincksieck, 1951.

GILLIS, D. *The Speaker of 36 □ 40.1 in the Dialogus*Latomus **31** (1972), vol. 2, p. 512–518

GUDEMAN, A. (ed.). **P. Cornelii Taciti Dialogus de Oratoribus**. Ginn & Company, 1894.

HEUBNER, H. (ed.). **Cornelii Taciti libri qui supersunt**: II Dialogus de Oratoribus. De Gruyter, 1983. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).

MAYER, R. (ed.). **Tacitus**: Dialogus de oratoribus. Cambridge University Press, 2005. (Cambridge Latin and Greek Classics).

GLARE, P. (ed.). **Oxford Latin Dictionary**. Oxford, 1968-1982.

PECK, H. **Harper's Dictionary of Classical Literature and Antiquities.** Harper & Brothers, 1897.

REQUEJO, R. (ed.). **Tácito**: Agrícola, Germania, Diálogo Sobre Los Oradores. Editorial Gredos, 1981, (Biblioteca Clásica Gredos).

SMITH, W. (ed.); WAYTE, W. (ed.); MARINDIN, G.E. (ed.). **Dictionary of Greek and Roman Antiquities**. John Murray, 1890.

Thesaurus Linguae Latinae. Munique, 1900.

WINTERBOTTOM, W. (ed.); OLGIVIE, R. (ed.). **P. Cornelii Taciti opera minora**. Oxford Clarendon Press, 1975. (Oxford Classical Texts).

ZWIERLEIN, O. **Die Chronische Unpässlichkeit des Messalla Corvinus**. Hermes **125** (1997), vol. 1, p. 85-91.

[1]Por que, tendo tido gerações anteriores que floresceram com o talento e o sucesso de tantos oradores de renome, é sobretudo a nossa época, estéril e órfã de reverência pela oratória, que a custo preserva até mesmo a designação de orador (Todas as traduções são de responsabilidade do autor deste artigo).

[2] O maior exemplo é Gudeman (1894), que suspeita de uma segunda lacuna no texto (embora ela não esteja aparente em nenhum dos manuscritos), entre os parágrafos 41 e 42, e atribui o discurso entre o 36 e o 41 a Segundo. Para uma crítica dessa visão e um apanhado dos diferentes trabalhos sobre o assunto, ver Gillis (1972).

[3] Em Heubner (1983) ou Winterbottom e Olgivie (1975): *in Nerone* (não aparenta ter sentido, embora Bornecque e Goelzer (1906) sugiram "em [na peça] *Nero*", a qual se desconhece e de todo modo também não parece fazer sentido, já que Nero nem era uma personagem antiga, nem mitológica para figurar numa tragédia); nos aparatos de Heubner (1983) e de Winterbottom e Olgivie (1975), bem como no texto estabelecido por Mayer (2001): *imperante Nerone*, "durante o governo de Nero"; há também, nos aparatos, *in Neronem*, que, em sintagma com *potentiam*, dá "influência sobre Nero", conforme Gudeman (1894). Foi o que aceitei.

[4] Aceitei sugestão de Mayer (2005), *fallacem*, ao invés de *pallentem*.

[5] Em Heubner (1983), *quandoque enim fatalis et meus dies*; Zwierlein (1997, n. 5) considera *enim fatalis et* uma glossa intrusiva. Como *meus dies* é uma expressão comum para "a minha hora", isto é, a hora fatal, deletei esse trecho.

[6] Trecho corrompido; a emenda foi aceita a título de exemplo. Gudeman (1894) propõe *ut secura uelint, periculosa extollant*, "que desejem o seguro e exaltem o perigoso".

[7] Heubner (1983) e Winterbottom e Olgivie (1975) trazem *quando*, Mayer (2005) sugere *antequam* como lição para os manuscritos, em cuja maioria consta *quam*, o que não faz sentido. No primeiro caso, além da tradução fornecida, a passagem poderia significar que o juiz fica perguntando quando é que se vai começar; no segundo, a tradução correta seria que o juiz fica pondo questões antes que se comece o discurso do orador.

[8] Excluí *patronus*, que parece ser uma glossa de *unus ... aut alter*.